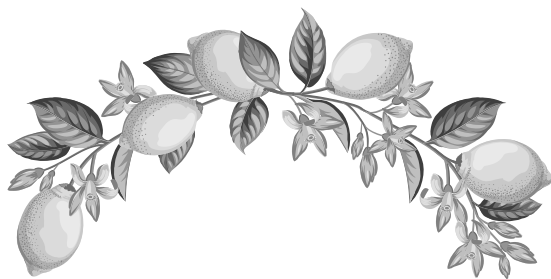


*Uma vez mais, para a Jen, a única que pediu isto.  
Parabéns. Criei-as especialmente complicadas, só para ti.*



## Prólogo

Tenho vergonha de admitir mas, por um breve período, considerei seriamente a hipótese de não ir ao casamento do meu irmão.

— O Eli sabe? — pergunta-me a minha amiga Jade.

— Que prefiro lamber o chão de uma casa de banho a estar presente no momento em que ele e o amor da sua vida proferem os votos?

— Não. *Que, sem querer, ouviste* o que ele disse.

Nego com a cabeça, de olhos colados aos meus patins. Gosto de imaginar que detesto o gelo e que mais valia que nem existisse, e que estou a esfaqueá-lo vezes sem conta com as lâminas dos patins. Um pouco de violência deixa-me sempre mais bem-disposta.

— Maya, não vás e pronto. Não deve ser muito difícil arranjar uma desculpa. Não é esse o objetivo de um casamento num destino longínquo? Cumpre-se a obrigação de convidar a família toda, incluindo tias esquisitas que colecionam bonecas, e o primo em terceiro grau que dá abraços pegajosos, na esperança convicta de que noventa por cento dos convidados se vão desfazer em desculpas e não aparecer. A sério, se as pessoas tivessem dinheiro para esbanjar em férias, não o gastariam a comer uma merda de um bolo com cobertura de açúcar num sítio que outra pessoa escolheu.

— Sim, teoricamente. — Seria tão mais satisfatório se o gelo sangrasse, só um bocadinho. — Mas não é por isso que o Eli vai casar num destino longínquo. Primeiro, ele vai pagar o voo a quem não conseguir pagá-lo. — Que sou, basicamente, eu. O meu irmão é mais velho do

que eu e tem um emprego muito bem remunerado: duas qualidades comuns a todos os outros convidados do casamento.

Nem todos podem ser como eu, membro do reluzente e rarefeito mundo dos estudantes de mestrado.

— Espera lá. Mas o casamento é em Itália, não é? Porra, é preciso muito dinheiro.

— Pois, exato. Ele tem-no.

— Está bem, mas não podia só esconder o dinheiro debaixo do colchão? — Finge engasgar-se. — Detesto pessoas generosas.

— Porra, não se aguenta. — Giro para trás, braços estendidos qual anjinho. — Enfim, é uma cena íntima. Nem chegam a ser dez os amigos chegados que vão uma semana antes e ficam até ao casamento. Depois, vão outros trinta para o jantar de ensaio. No outro dia, tive um momento de fraqueza, do qual não me orgulho, e menti ao Eli. Disse-lhe que tinha de ficar em Austin mais tempo por causa da última entrevista daquele projeto do MIT, e que só podia ir lá ter mais tarde, para a cerimónia. — Suspiro. Abrando para acompanhar a Jade. O ringue está praticamente vazio e o gelo reluz sob as luzes do teto.

— E?

— E ele ficou a olhar para mim como se eu tivesse batido no cão dele, lhe tivesse dito que a fada dos dentes não existe, e tivesse tentado enfiar-lhe o meu pé pelo cu acima. Tudo ao mesmo tempo. Uma expressão de *traição* pura.

— Como é que se *atreve* a ter tamanho apreço pela tua presença?

— Fiquei *furiosa*. Eu a achar que eu e o meu irmão éramos pessoas cruéis e pragmáticas que não ligavam nenhuma a cerimónias. Não é que *não* esteja a pensar atormentá-lo a ele e à nova mulher nas próximas cinco a oito décadas.

— É evidente que o facto de estar apaixonado o amoleceu mais do que alguma vez poderias prever. Mas, não te apoquentes, minha amiga. — A Jade dá uma volta e detém-se à minha frente, impedindo-me a passagem. — Vieste ter com a pessoa certa. Tenho uma *vasta* experiência em inventar histórias para me livrar de situações.

— Certo. Força, diz.

— A maneira mais eficaz de evitar um compromisso é uma enfermidade: enfermidade essa que cumpra os três cc. — Espeta um dedo. — Constrangedora. Contagiosa. E, acima de tudo, que implique quarentena.

Pestanejo. Ela não vacila.

— A doença tem de se abater sobre ti tão subitamente que não haveria maneira de a teres previsto. Deve ser contagiosa e impedir-te de viajar. Mais importante, deve ser embaraçosa. Refiro-me a irritações cutâneas purulentas. Odores. Fluidos. Tem de ser tão desprovida de graciosidade que ninguém poria a hipótese de estares a mentir, porque, por que raio haverias de estragar o teu bom nome...

— Jade. — Pego-lhe nas mãos. — Essa informação é *preciosa*.

— Não tens de agradecer. Já pensei em organizar um *workshop*.

— *Mas*, não te contei isto para orquestrar maneiras de evitar ter de ir.

— Ah! A sério?

Respiro fundo.

— Se o meu irmão quer que eu vá ao casamento dele, eu vou. Ponto final.

— Ah! Estou a perceber. — Um suspiro profundo. — Lembras-te de que, antes, o detestavas?

— Sim. Nunca senti tanto a falta desses tempos. — Obrigo-me a encolher os ombros. — Enfim, é só uma semana. Francamente, estou a ser uma choramingas.

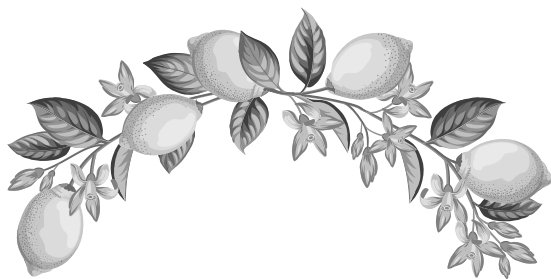
— Tens a certeza?

Assinto, e volto a patinar. Instantes depois, ela apanha-me.

— Mas olha, não te esqueças de que a diarreia fulminante é tua amiga. — O braço dela enrosca-se no meu. — Pode dar jeito, se por acaso deres por ti sentada em frente do Conor Harkness.



*7 dias  
para o  
casamento*



## Capítulo 1

Por sorte, uma sorte extraordinária, a criatura preferida do meu irmão em todo o universo é um cão.

Bem... isto não é *propriamente* verdade. A órbita da vida do Eli gira em torno de um único centro de massa: Rue, a sua noiva. Após dois anos a observá-la, a estudá-la, a provocá-la, a olhá-la de olhos semi-cerrados, e a falar com ela com uma formalidade excessiva, tenho de admitir que o percebo. A Rue é ímpar, e complicada, e leal, e calada, e a maioria das pessoas não vai muito com a cara dela.

Em tempos, julguei que fosse uma pessoa fria. Reccei que a relação dela com o meu irmão estivesse condenada a ser unilateral e que ela acabaria por lhe partir o coração. No entanto, com o tempo, tornou-se óbvio que, por ele, ela é capaz de fazer tudo, incluindo mostrar-se aparente e pacientemente interessada na questão exposta pela irmã dele, pela quarta vez num mês, relativamente a fazer franja.

Já a topei e declaro-a digna do amor do meu irmão.

O cão, porém, precede a Rue. O *Tiny* é um cão rafeiro resgatado de seis anos, duzentos quilos, e muito meigo, cujos passatempos englobam rressonar, babar-se todo e ser indiscriminada e intensamente carinhoso. E, quando o Eli começou a considerar que talvez fosse agradável realizar o casamento num destino longínquo com amigos e familiares próximos, foi a Rue quem disse:

— *Se calhar devíamos casar aqui perto.*

— *Porquê?*

— *Não gostavas que o Tiny estivesse presente?*

De facto, digna do amor dele.

Felizmente, o *Tiny* é um viajante entusiasta, o que lhes permitiu manter a Europa em cima da mesa. Infelizmente, nem todas as companhias aéreas permitem o transporte na cabina de cães do tamanho de ursos que ladram horrores depois de acordarem com o cheiro dos seus próprios peidos. A deplorável higiene do sono do *Tiny* entristeceu-me, mas é uma oportunidade do caraças — à qual me agarrarei qual craca num furacão.

— *Encontrei uma companhia aérea* — disse eu à Rue e ao Eli umas semanas antes do casamento. — *O voo chega no dia a seguir ao do vosso, mas tem instalações especiais para cães de grande porte. Assim, o Tiny ia mais confortável, e eu podia acompanhá-lo.* — Sorri para o *Tiny*, cuja cabeça estava já encostada ao meu joelho. — *Então, meu cãozinho perfeito. Queres ir de viagem com a tia Maya?*

A cauda dele girou como um helicóptero, com uma força tal que estava a ver que levitava.

E foi assim que consegui reduzir a Semana Infernal em um dia e ficar com o único tipo que nunca, jamais, me deu um desgosto.

— *Tiny Archibald Killgore* — digo-lhe quando rebola no corredor do avião, recebendo festas na barriga dos dezassete novos melhores amigos que fez desde que embarcámos. — Nunca me deixas ficar mal.

O tipo dos meus sonhos salta-me para o colo durante uma vaga de turbulência e depois esquece-se de sair.

Viajar de Austin até ao aeroporto de Catânia, fazendo uma escala, demora cerca de quinze horas. Tomo deliberadamente a decisão de não adquirir Wi-Fi, para não passar a viagem num frenesim a trocar mensagens com a Jade, e concentro-me no que tenho de fazer: apertar o cinto de segurança.

Sejam quais forem as defesas que ergui contra o Conor Harkness, necessitam de reforço.

Não tive dúvidas de que ele iria ao casamento. É o amigo mais chegado do meu irmão, não contanto com o *Tiny*. (Eu conto com o *Tiny*.) São ambos sócios comanditados, ou czares, ou seja lá qual for o título deles, da Harkness, uma empresa de biotecnologia que faz cenas

abstratas que não compreendo para ganhar dinheiro, mas que me garantiram várias vezes serem legais. É ele o responsável, e ainda gostava que alguém me explicasse isso melhor, pelo facto de o casamento se realizar na Sicília e não em Lake Canyon, ou em Galveston, no Texas.

Tirando uma desavença por causa da queda do índice Nasdaq, o Conor seria sempre a escolha do Eli para padrinho.

Tal como expliquei à Jade:

— *O problema não é o Conor em si.*

Embora até isso pareça mentira. Em pleno ar, enquanto vou aceitando um desfile interminável de bebidas com cafeína dos assistentes de bordo, apercebo-me de que, para uma pessoa que *não* é um problema, o Conor consegue ocupar bastante o meu espaço mental e não me agrada desperdiçar tal quantidade de recursos intelectuais numa pessoa que não pensa em mim há anos.

*Falso*, diz uma voz pedante e rigorosamente pontual. *No mínimo, pensou em ti em agosto passado.*

É uma personagem estereotipada já *tão* batida — a miúda de vinte anos com uma paixoneta pelo amigo do irmão que, por acaso, é uma década e meia mais velho do que ela. Talvez esta seja, porém, a semana em que faço uma limpeza de fundo. Edito a minha vida. Faço uma purga completa — do Conor e das merdas todas que se passaram entre nós. Como beber lixívia: vai ser desagradável, pode até matar-me, mas se não me matar, ficarei muito mais forte.

Ou com uma disfunção orgânica grave. Não sou médica.

De qualquer modo, posso sonhar — ainda que, horas depois, a minha pior hipótese se concretize no aeroporto de Catânia. Enquanto o *Tiny* faz as delícias dos funcionários da zona de assistência a animais, o meu telemóvel esforça-se por encontrar uma rede à qual se possa ligar. Dou uma olhadela em redor, assimilando as saudações calorosas, os gestos expressivos, o ritmo vagaroso de Itália, e, quando as mensagens começam a fazer o telefone vibrar-me na mão, carrego na do meu irmão.

**ELI:** Vai estar um motorista à vossa espera para vos trazer para a casa.

Boa, respondo-lhe.

Na verdade, o mais certo é ser *muito mau*. É aquele «à vossa espera» que me preocupa: o Eli pode estar a referir-se a mim e ao *Tiny*, ou a mim e a outro convidado. E nesse caso, quero um nome. De preferência, sem ter de perguntar.

Mas não há tempo para isso. A pilha de documentos de saúde do *Tiny*, do tamanho de um tijolo, está a ser analisada pelos agentes da alfândega, e somos expulsos da zona de segurança, onde um punhado de miúdas adolescentes emborca cafés expresso em chávenas minúsculas, como se fossem *shots* de tequila. Agarro com força a pega da minha mala, pronta para o que der e vier, e ainda bem que o faço. Ao avistar um homem com um ar entediado com uma placa na mão em que se lê FESTA KILLGORE, e a morena que está ao seu lado, fico ligeiramente desiludida. Portanto, não fico, sei lá, irremediavelmente desiludida.

Ah, sim! Precisamente a pessoa que eu queria evitar. Ali, mesmo à minha frente.

— Maya, certo? — pergunta a mulher, caminhando elegantemente na minha direção. Um sorriso amplo esculpe-lhe uma covinha na face esquerda. — Sou a Avery. — Não respondo *Eu sei*, porque iria parecer perturbador, como se eu fosse o tipo de pessoa que investe uma enorme quantidade de tempo em pesquisas *online* sobre a namorada do rapaz de quem gosta para, afinal, descobrir coisas insignificantes acerca dela.

Claro que é esse, *exatamente*, o tipo de pessoa que sou, mas tentarei levar essa informação comigo para o túmulo. A Jade recebeu instruções precisas para limpar os meus dispositivos eletrónicos assim que eu bater a bota.

— Já ouvi falar tanto de ti, Avery. — É a coisa mais verdadeira que me ocorre. Espero um aperto de mão, mas ela puxa-me para um abraço afetuoso que me faz implorar aos meus poros fartinhos de viajar que parem de transpirar, só por um bocadinho.

— Que fixe conhecer-te, finalmente. Nem sei como é não nos cruzámos antes. — É ligeiramente mais baixa do que eu, e encaixamos de maneira esquisita. O nariz dela contra o meu ombro. O meu cabelo frisado na boca dela. Quando me afasto, sinto-me desajeitada e desleixada com as calças de fato de treino cheias de pelo e uma *T-shirt* curta da Universidade do Texas.

Devia armar-me em pessoa pouco acessível. Friamente educada. A questão é que a Avery parece ser muito porreira, e eu gosto de pessoas porreiras.

— Que estranho — digo —, vivemos as duas em Austin...

— ... mas só nos conhecemos em Itália, *eu sei*. E depois de já ter ouvido falar tanto da irmã do Eli.

— Os rumores são muito exagerados.

A cabeça dela inclina-se.

— Rumores sobre o quê?

— Tudo.

Ela ri-se, é musical, um nadinha rouca. Merda, acho que se calhar ela é *sexy*.

— Não, não, o teu irmão e a Minami têm muito orgulho em ti. Todas aquelas *startups* que te queriam contratar, e aquele prémio que recebeste, e as cenas do MIT. Toda a gente te admira tanto. Eu estava triste por ser a única que ainda não te conhecia.

— Sim, pois, culpa minha. Só começaste a trabalhar na Harkness no verão passado, certo? Passei grande parte do ano passado na Suíça, só regressei há poucas semanas.

— Sim, uma miúda difícil de encontrar. — O seu encolher de ombros é tão bonito e composto, tal como toda ela é, mesmo acabada de sair de um voo transatlântico. Não quero que se sinta desconfortável por me ver de boca aberta fixada na sua pele fresca e nos olhos nada inchados, por isso, obrigo-me a olhar em volta. Assimilo reencontros, a algazarra das línguas, abraços e depois beijos e depois abraços. O motorista do Eli baixa-se em frente do *Tiny* e afaga-lhe a cabeça: um novo súbdito solícito para o nosso rei.

Os olhos da Avery continuam fixos em mim.

— Desculpa. Não queria ficar a olhar fixamente para ti, mas é... impressionante.

— O quê?

— A tua parecença com o Eli.

Rio-me.

— Pois, estou sempre a ouvir isso. — Estou habituada a que, primeiro, me identifiquem enquanto irmã mais nova do Eli Killgore, e só

depois enquanto pessoa de pleno direito. No entanto, não me importo muito.

— Sim. És parecida com ele, mas ao mesmo tempo...

— Mas ao mesmo tempo, nada parecida com ele?

— Sim. É incrível.

Dou-lhe a minha resposta padrão.

— É o cabelo preto encaracolado e os olhos azuis. — Na verdade, é muito mais do que isso. Eu e o Eli temos o mesmo queixo, caninos afiados, pernas demasiado compridas para o tamanho do tronco. Temos sobrancelhas marcantes, lábios com arco do cupido, e o infame nariz dos Killgore, de formato romano e de ponte estreita. A característica principal do nosso rosto.

— *Um nariz importante e imponente* — costumava dizer o pai, e eu abanava a cabeça e pesquisava no Google tutoriais de maquilhagem para o disfarçar de modo que parecesse mais pequenino, ou então calculava o valor que teria de juntar para uma operação plástica. Quando tínhamos treze anos, a Jade ofereceu-se para me acertar com um *stick* de hóquei, a ver se «*a coisa ficava mais bem distribuída.*?» Nem pensar.

Depois, um dia acordei e decidi que a minha cara estava bem assim como era. O pai ficaria tão orgulhoso por saber que eu aceitava, aliás, *ostentava* os genes dos Killgore.

— Adoro a aparência familiar. — A Avery ri-se, atrapalhada. — Vou parar de falar nisso. É só que tu és tão bonita, e ele... — Faz uma careta, como que apercebendo-se do rumo daquela frase.

— Não, não, eu percebo. — Faço um gesto, desvalorizando a situação, porque sei o que a deixa baralhada: que eu e o Eli sejamos feitos exatamente com as mesmas peças, mas que as colagens resultantes transmitam impressões tão severamente diferentes. Que os mesmos traços possam ser bonitos tanto num homem quanto numa mulher. O facto de ele ser tipicamente masculino e de o meu estilo pessoal ser do mais delicado que há, também não ajuda.

— Sabes — começa —, acho que nós as duas nos vamos dar muito bem.

Engulo em seco. Ante a amabilidade dela. Ante a ideia de ter uma relação com aquela mulher, que...

— Ir? — pergunta o motorista, interrompendo-nos. É mais velho. Rotundo. Não parece saber inglês suficiente para seguir a minha conversa com a Avery, mas, porra, afeiçoou-se ao *Tiny* mesmo à séria. — Ir — repete agora, mais contundente, apontando para a saída.

— Sim, por favor — diz a Avery.

Também assinto. Aliviada.

Ele aponta para a minha mala com uma expressão interrogativa. Nego com a cabeça, ele pisca-me o olho, pega na bagagem da Avery e, juntos, dirigimo-nos para o calor radioso da Sicília.